



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

ROSEANE LUCENA FRAGOSO

**A REPRESENTAÇÃO RELIGIOSA DOS POVOS
AFRODESCENDENTES NO ENSINO BÁSICO**

**GUARABIRA-PB
MAIO/2016**

ROSEANE LUCENA FRAGOSO

**A REPRESENTAÇÃO RELIGIOSA DOS POVOS
AFRODESCENDENTES NO ENSINO BÁSICO**

Artigo apresentado como Trabalho de
Conclusão de Curso à Universidade
Estadual Da Paraíba para obtenção do
Título de Licenciatura em Letras

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Suely da Costa

Guarabira-PB
Maio/2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F111r Fragoso, Roseane Lucena

A representação religiosa dos povos afrodescendentes no ensino básico [manuscrito] / Roseane Lucena Fragoso. - 2016. 20 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, 2016.
"Orientação: Maria Suely da Costa, Departamento de Letras".

1. Diversidade Cultural. 2. Diversidade Religiosa. 3. Povos Afrodescendentes. I. Título.

21. ed. CDD 371.12

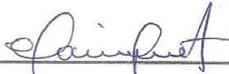
ROSEANE LUCENA FRAGOSO

**A REPRESENTAÇÃO RELIGIOSA DOS POVOS
AFRODESCENDENTES NO ENSINO BÁSICO**

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de
Curso à Universidade Estadual Da Paraíba para
obtenção do Título de Licenciatura em Letras.

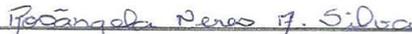
Aprovado em: 20/05/2016

BANCA EXAMINADORA



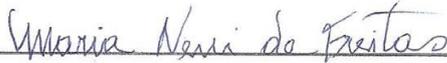
Prof. Dra. Maria Suely da Costa

(Presidente)



Profa. Dra. Rosângela Neres de Araújo

(1ª Examinadora)



Profa. Dra. Maria Neni de Freitas

(2ª Examinadora)

GUARABIRA
Maio/2016

A REPRESENTAÇÃO RELIGIOSA DOS POVOS AFRODESCENDENTES NO ENSINO BÁSICO

FRAGOSO, Roseane Lucena¹

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso é o resultado de uma pesquisa realizada em sala de aula com alunos do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal, onde eu leciono a disciplina de língua portuguesa, e buscou investigar o conhecimento dos mesmos junto as religiões africanas e suas representações no Brasil. Por meio de um questionário (em anexo), foi perguntado algumas questões básicas frente as religiões de matrizes africanas, acredita-se que com esse trabalho se pôde construir uma posição dos alunos de forma que preconceitos sejam quebrados e os conceitos sejam construídos, promovendo um espaço democrático, respeitador diante a diversidade cultural e religiosa. Para realizar esta pesquisa utilizei como base de referência: ABRAMOVAY, M; CASTRO, M.G. Relações raciais na escola: reprodução de desigualdades em nome da igualdade. Brasília: Editora Unesco,2006. BRASIL. Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003. D.O.U de 10/01/2003. BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. N.º 9.394, de 1996. Disposições Constitucionais, Lei nº 9.424, de 24 de Dezembro de 1996. Brasília, DF, 1998.

Palavras-Chave: Diversidade – Cultural – Religiosa

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso se direciona em verificar a identificação do conhecimento por parte dos educandos do ensino fundamental a respeito da religião de matriz africana. Para tanto, a pesquisa se dá

1 FRAGOSO, Roseane Lucena. Artigo apresentado como trabalho de conclusão de curso à Universidade Estadual da Paraíba, para obtenção do título de licenciatura em letras. Orientadora: Prof. Dra. Maria Suely da Costa. Apresentado em: 20/05/2016.

frente às representações contidas dos povos afrodescentes, enfatizando as relações étnico-raciais no processo educativo e construtivo do ser, enquanto parte integrante ao meio, trazendo para centro da discussão pedagógica a Lei 10.639 que orienta e designa que é preciso incluir nos currículos escolares a obrigatoriedade e presença, de forma transversal, conteúdos relacionados à História e à Cultura Africana e afro-brasileira. Como problema de pesquisa, questionamos: Como acontece a construção de conhecimento entre alunos e a representação de religião de matriz africana?

Sendo, assim, objetiva-se conhecer qual entendimento do aluno sobre a cultura e, em específico, a religião de matriz africana, em especial presente no Brasil que teve seu desenvolvimento e sustentabilidade por meio dos negros. Daí a importância de se discutir a referida questão, partindo da necessidade vivenciada diariamente em nossas escolas, associando à realidade dos educando e educadores.

Partindo desse princípio, e planejada a ação metodológica, foi realizada uma pesquisa de campo, em sala de aula, com os alunos do 7º ano do Ensino Fundamental. Foi aplicado, no início da pesquisa um questionário afim de observar o conhecimento dos alunos quanto ao tema voltado, em especial, para a diversidade cultural e religiosa. Em seguida, foram ministradas aulas por mim, abordando o tema, com a realização de atividades e questionamentos afim de identificar a absorção do conhecimento.

Essa pesquisa é de suma importância e necessidade quanto à valorização da pessoa negra, esforçando-se por tanto em construir cidadãos críticos e capazes de opinar e posicionar-se sobre o tema, neste caso específico, a cultura religiosa de matriz africana. Entende-se que o conhecimento é um instrumento poderoso na luta contra o racismo e qualquer forma de preconceito e discriminação, consolidando a construção da cidadania e a igualdade social entre sua população marcadamente diversificada em suas crenças e valores.

Então, será composto o seguinte referencial teórico, com três tópicos distintos. O tópico 2 será mostrado a cultura africana, sua divulgação e importância na diversidade cultural do Brasil, ressaltando as religiões de matrizes africanas e o processo de formação das mesmas focando nos aspectos culturais desse povo. O

tópico 3 apresentará os dados coletados e a análise dos resultados, detalhando os processos de realização da pesquisa, mostrando de forma minuciosa os resultados obtidos com a aplicação do questionário (em anexo). Por fim, serão expostas as considerações finais desta pesquisa, relatando de como a mesma contribuiu para a valorização das religiões de matrizes africanas naquela turma em que foi realizada.

2 - REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 –A cultura Africana

A cultura africana foi divulgada junto com os negros por vários países do mundo, com eles seguiu a sua religião, presente na identidade de cada um deles, assim como os vários elementos africanos como lendas, rituais, danças, mitos, o idioma, a arte, influenciaram vários povos, principalmente o povo brasileiro. Para Grigoletto (2008, p. 12), “cultura é um conjunto de valores nos indivíduos de uma determinada sociedade, transmissíveis de forma não biológica”, portanto, social. De forma que, apesar de outros povos terem deixado no Brasil vestígios de suas culturas, foram os africanos que perpetuaram e muito contribuíram para a cultura e história no Brasil.

A rica mitologia africana fez e faz história no Brasil. É através dos mitos que os africanos explicam os fenômenos e os acontecimentos do mundo, é através dos mitos que se descobre uma África limpa, pois, os mitos não têm nenhum tipo de interferência externa e são essências para os africanos. Na África, registram-se mais de 1000 orixás e cada orixá possui uma função de acordo com a mitologia Yorubá.

A chegada dos negros africanos escravizados ao Brasil contribuiu para a consolidação de uma nova experiência religiosa em nosso país. Porém, ao contrário do que muitos imaginam, não podemos dizer que esse movimento simplesmente se instalou da mesma forma que as divindades existiam e eram cultuadas na África. Alguns deuses ficaram para trás e outros foram transformados ou criados no Brasil.

Estudos mostram que os orixás se tornaram os mais conhecidos entre os praticantes e não praticantes das religiões de origem e influência africana. Segundo os ensinamentos do candomblé, todas as pessoas são filhas de orixás e acreditam assim como o povo Yorubá que todos os acontecimentos se repetem na vida de

cada ser humano. O povo Yorubá era apadrinhado por príncipes para terem o seu futuro descoberto. No Candomblé aqui no Brasil, isso ocorre através do jogo de Búzios.

A exploração dos povos africanos se deu em diferentes épocas. Primeiro, no séc. XVI, nessa fase a exploração foi direcionada a questão religiosa desse povo, que apresentavam práticas religiosas diferentes das práticas propostas pelo cristianismo, rituais marcantes e características próprias dos africanos eram e são até hoje refletidos de maneira muito significativa em sua religiosidade. Depois, no séc. XIX, os europeus deram início a um racismo científico, com um processo civilizatório, que colocou os africanos em um estágio de inferioridade em relação aos europeus, dando início a divisão das raças. (ALVES DE SOUSA, 2009). Os europeus conseguiram deixar, para esse continente, marcas de escravização e pobreza, uma exclusão social muito profunda, causada por este processo de exploração. Os Europeus, na condição do escravizador, não tiveram em nenhum momento consideração pelos interesses culturais e sociopolíticos dos africanos.

As nações europeias, com a grande disputa para dominar o território africano que acabou sendo dividido, divisão esta impulsionada pela crise no mercado consumidor europeu, trouxeram para o mundo, o cenário de escravização e preconceito racial. Marcas que foram impregnadas e até hoje são carregadas por seus descendentes. É válido ressaltar que esse processo de divisão e escravização não se deu de forma pacífica, contudo distribuiu através do poder e da força bruta a cultura e africanos por toda a América.

Os negros africanos, uma vez foram trazidos para habitar nas Américas, na condição de escravos, a partir do século XVI, perpetuaram a sua cultura e, assim, repassaram rituais, crenças, linguagens, valores, costumes, vestimentas, temperos, penteados, canções, tradições, danças, suas ricas histórias através da tradição oral, perpetuando assim seus valores, tornando-se presente ao longo das gerações.

Foi o Brasil, o país que muito se adaptou aos costumes da cultura africana, conforme afirma Manoel Alves de Sousa (2009, p.48):

Quando os africanos pisaram as terras do Brasil, estavam descalços, seminus. O que trouxeram consigo? Por mais que estivessem com seus corpos mutilados, mãos e pés amarrados por serem soltos apenas no trabalho forçado dos engenhos, dos canaviais, das fazendas e das minas, eles trouxeram em

seus corpos e mentes suas culturas, que foram reelaborados e recriados nesta terra.

Os homens e mulheres que foram trazidos para ser escravizados no Brasil, a maioria deles separados de sua família pelos grandes e poderosos escravocratas que não mediam esforços para mostrar posse e poder na venda da mão de obra escravizada, conseguiram, em meio a dor e revolta, manter seus costumes étnicos e conservar elementos de sua identidade cultural.

Estudar para se compreender a história dos negros no Brasil bem como sua cultura, é reconhecer-se enquanto hereditário dos povos africanos e de suas tradições, as quais até os dias atuais são contemplados e continuam sendo seguidas por muitos.

2.2 – O ensino sobre as matrizes Africanas

Diante de um mundo globalizado e em constantes mudanças, faz-se necessário que, enquanto educadores, se esteja debatendo em sala de aula o contexto que transformou e desenvolveu em vários aspectos o nosso país. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) apresentou mudanças que surgiram com diversas publicações diante do resgate da história da África e cultura afro-brasileira. O ensino nas mais diversas disciplinas tem meios e responsabilidade para a abordagem sobre a importância dos negros, contudo o que se observa na prática é uma maneira paliativa em tratar a questão da etnia negra, e com isso pouco se aprende sobre a identidade da cultura negra, o que resulta em preconceitos e exclusões:

Ao referir-nos à educação no Brasil, sob a ótica étnico-racial, somos levados a tratar da desigualdade e da exclusão, no que tange ao acesso aos bancos escolares, vividas pela população não-branca. Por mais de duzentos anos, os africanos escravizados não tiveram nenhum tipo de oportunidade de estudo formal. (SILVA e SILVA, 2005, p. 195).

De acordo com a Lei 10.639, os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira e Africana deverão ser ministrados no âmbito de todo o currículo escolar,

em especial nas áreas de Educação Artística, literatura e História Brasil. Sob esta ótica, a escola passa a ocupar o papel fundamental na tarefa de transmitir às gerações em formação o conhecimento a cerca da cultura e da participação dos africanos e afrodescendentes na construção e desenvolvimento do Brasil.

É fato, que a riqueza cultural dos povos africanos reflete-se na identidade cultural brasileira. Não é difícil de se encontrar nos dias atuais diversas manifestações culturais, religiosas, dentre outras, de matriz africana, que, na maioria das vezes, são ignoradas ou discriminadas por não serem conhecidas profundamente, nunca será possível fazer uma definição única das referências africanas, uma vez que são elementos da cultura material de diferentes povos. (BEVILACQUA, SILVA, 20015)

Contudo, faz-se necessário desconstruir um discurso de negatividade do negro, com a finalidade de diagnosticar a visão dos alunos em relação a essas religiosidades.

A questão étnico-racial destaca um pouco do que se entende por gênero, raça, questão de identidade, cor da pele, tipo de cabelo, lábios, nariz e outros. Durante anos da História do Brasil, os grupos sociais, como negros e mulheres, faziam protestos e lutavam contra a discriminação de raça e gênero. Na educação, a questão étnica e racial acaba silenciada. Não havia incentivo para que as escolas e materiais didáticos colocassem referências positivas dos negros nos livros, filmes e músicas.(CAVALLEIRO, 2003).

A religião foi desenvolvida no Brasil com o conhecimento dos sacerdotes africanos que foram escravizados e trazidos da África para o Brasil, entre 1549 e 1888, juntamente com seus orixás, sua cultura, e seus dialetos.

Essas religiões de cunho Africano no Brasil perpetuam em suas várias vertentes; uma liturgia um tanto complexa, que envolvem rituais públicos e privados. Percebemos que toda a tradição africana de culto aos orixás que tiveram origem no Brasil possui uma base filosófica.

Esse fundamento é, em essência, o vasto conhecimento que emana da tradição iorubana de Ifá, o oráculo que tudo determina, em todo o processo da vida de uma pessoa e de uma nação como um todo e é a partir dessa tradição que se origina os orixás.

De acordo com (IBGE 1991), existiam quase 650 mil adeptos do candomblé e da umbanda. Estudiosos dessas religiões estimam que quase um terço da população brasileira frequenta um centro, sendo alguns frequentadores assíduos ou esporádicos, que, muitas vezes, estão ligados também a outras religiões.

A partir de uma proposta de Carmo (1987, p. 26) as religiões afro-brasileiras podem ser classificadas pela sua aproximação com a matriz africana da seguinte forma: candomblé jeje, candomblé ketu, candomblé nagô, tambor de mina, Xangô, batuque, candomblé de Angola, candomblé de caboclo, umbanda negra, umbanda branca.

Dentre as várias religiões afro-brasileiras, as mais praticadas são o Candomblé e a Umbanda. Os negros tiveram que enfrentar os obstáculos determinados pela igreja católica, foram rotulados e criminalizados por alguns governos, causando repressão por parte dos colonizadores portugueses, que consideravam o Candomblé e a Umbanda como feitiçaria. Contudo, os escravos cultuaram o Candomblé nos quatro séculos expandindo-se desde o fim da escravidão em 1888. Seus adeptos acreditavam que tal prática servia como uma forma de sobreviver as perseguições e passaram a associar os orixás aos santos católicos. Por exemplo, Iemanjá (força das águas) é associada a Nossa Senhora da Conceição; Iansã (raios, tempestades, ventos), a Santa Bárbara, etc. Estabelecendo-se com isso como uma das principais religiões possuindo seguidores de todas as classes sociais. Existem hoje na cidade de Salvador- BA, 2230 terreiros registrados na federação Baiana de Cultos Afro-brasileiros.

[...] a crença em diversas divindades, os orixás, os guias protetores, os eguns (ou espíritos dos mortos) e os espíritos infantis, os eres. Todos os rituais são feitos para homenagear essas divindades, porque os orixás, segundo o candomblé, interferem na nossa vida cotidiana e, portanto, nossa vida em paz e em segurança depende de estar vivendo de acordo com os preceitos da religião e oferecendo pequenos presentes ao orixá que preside a vida do indivíduo. (CARMO, 1987, p. 23-24).

Os rituais e as festas são uma parte integrante da cultura e uma parte do folclore brasileiro, essas cerimônias ocorrem em templos chamados territórios ou centros, celebrados em língua africana e marcadas por cantos e o ritmo dos atabaques (tambores), que variam segundo o orixá homenageado.

De acordo com a tradição do Candomblé, que tem origem nos ancestrais dos clãs africanos, defendem que homens e mulheres eram capazes de manejar as forças naturais, ou que possuíam conhecimentos básicos para a sobrevivência, como o plantio, a caça e o uso de ervas na cura de enfermidades. Suas divindades,

os orixás, possuem características humanas, pois tem personalidades próprias, são vaidosos, temperamentais, maternais ou ciumentos briguentos e fortes.

Cada traço da personalidade é associado a um elemento da natureza: O fogo, o ar, a água e a terra, as florestas e os instrumentos de ferro. Segundo o candomblé, cada indivíduo pertence a um determinado deus, que é de quem herda características físicas e personalidade, é o senhor de sua cabeça de sua mente.

Cada orixá tem suas próprias características elementos naturais, cores simbólicas, vestuário, músicas, alimentos, bebidas, etc. Nenhum deles é inteiramente bom ou inteiramente mau. O culto demanda sacrifício de sangue animal, oferta de alimentos e vários ingredientes. A carne dos animais abatidos nos sacrifícios votivos é comida pelos membros da comunidade religiosa, enquanto o sangue e certas partes dos animais, como patas e cabeça, órgãos internos e costelas, são oferecidas aos orixás. Apenas iniciados têm acesso a estas cerimônias, conduzidas em espaços privativos denominados quartos-de-santo.

A umbanda, religião brasileira teve seu início no século XX no Rio de Janeiro, da mistura de rituais africanos e suas crenças. A umbanda considera o universo povoado de entidades espirituais, os guias, que entram em contato com os homens por intermédio de um iniciado (o médium), que os incorpora, esses guias se apresentam por meio de figuras como o caboclo, o preto-velho e a pomba-gira, incorporando ainda ritos indígenas e práticas mágicas européias. Suas raízes umbandistas encontram-se em duas religiões trazidas da África pelos escravos: a cabula, dos bantos e o candomblé, na nação nagô.

A ramificação afro-brasileira que pratica a magia negra, a quimbanda, que também conhecemos pejorativamente de macumba realiza despachos com animais, como galinhas pretas, galos, objetos das pessoas a quem deseja prejudicar, como dentes, unhas e cabelos, além de também praticarem envoltamento, construindo um boneco de pano ou qualquer outro material, desde que pertença a pessoa a quem se quer prejudicar, conhecido por vodu, em seguida transpassam o corpo da imagem com agulhas pregos ou alfinetes. Seus praticantes têm como ponto principal de seu culto a invocação ou a “Gira dos Exus”, que podem estar em estado de atraso ou estado de evolução.

Dentre as peculiaridades das religiões afro-brasileiras ainda existe o catimbó que é baseado no culto em torno da planta da jurema, que é uma árvore que

floresce no agreste e na caatinga nordestina. Da casca de seu tronco e de suas raízes faz-se uma bebida mágico sagrada que alimenta e dá força.

O culto é uma reunião alegre e festiva quando em sua forma de roda (ou gira). O catimbó cultua principalmente as ervas, mas também adora símbolos e santos católicos. Os principais elementos a serem utilizados é a defumação para a cura das doenças, além do fumo para entrar em transe, que faz os indivíduos alcançar o êxtase.

Na formação da sociedade brasileira, o catolicismo é uma religião referência e mais presente em comparação as outras, ou seja, porém sempre houve uma disputa de religiosidades neste que é característico, porém, as religiões conversam, mesmo sob o contexto dessa disputa, no entanto, mesmo o catolicismo não impõe a seus fiéis a discriminação com as demais religiões não incide o ódio.

Hoje existe uma vasta quantidade de pessoas atuantes e participantes desses cultos de tradição africana. Não se pode combater uma tradição e uma religião que foi de fundamental importância para a construção da identidade da população negra no nosso país.

Desse modo, devido ataque a essas religiões, as mesmas são associadas de forma negativa ao negro. E isso atravessa os muros escolares que é onde podemos evidenciar um número muito alto de rejeição e preconceitos contra as religiões afro-brasileiras.

3 – DADOS COLETADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Muitos professores e educadores, na maioria das vezes, deparam-se com uma diversidade cultural e religiosa nas salas de aulas e, por vezes, sentem dificuldades de como agir. Tais ações são reflexos de um despreparo do professor, em parte devido à formação que recebeu ou até mesmo por não atuar na disciplina em que é formado.

Quando buscamos base a necessidade de uma interdisciplinaridade em sala de aula que inclua diversidade cultural, étnica, social e que consiga incluir o aluno no meio, o foco de interesse está em usar de metodologias baseadas em ética que possibilitem a agregação e sem favorecimento, visando igualdade.

No entanto, não podemos atribuir a culpa ao professor, já que esses são produtos de uma educação eurocêntrica e por isso, acaba reproduzindo consciente ou inconscientemente os preconceitos que estão presentes na sociedade.

Facilitar a construção de respeito à diferença do outro por mais que seja difícil não é uma tarefa impossível na prática docente. Mas quando o educador se encontra na verdadeira posição de responsável por formar cidadãos que identifiquem as manifestações preconceituosas e a diversidade cultural no meio onde estão inseridos, buscando mais conhecimentos e abrangendo suas próprias teorias fará sim uma mudança significativa para a vida dos alunos e do espaço escolar.

Se não existirem ações capazes de modificar esses atos e essas mentalidades, surgirão grandes complicações para se efetuar uma transformação significativa.

Em função disso, buscamos verificar os saberes dos educandos quanto à religião de matriz africana dividindo a pesquisa em três momentos: O primeiro realizou-se de início a aplicação de um pequeno questionário (em anexo), com 20 estudantes, meus alunos da disciplina de língua portuguesa, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Profª Emília de Oliveira Neves, localizada na cidade de Bananeiras, do 7º ano do Ensino Fundamental.

A respeito do tema, foram encaminhadas de início algumas questões que serão expostas a seguir:

1- Quais as religiões de matrizes africanas você conhece?

Obtivemos um total de 100% de respostas afirmando que não conhecem nem sabem dar nome de uma religião africana. Essas ausências de respostas nos deixaram preocupados e reflexivos quanto à forma em que os alunos estão sendo preparados para o enfrentamento e convivências com a diferença, em especial as religiões diferentes da sua. Isso porque se entende que

A escola tem papel preponderante para eliminação das discriminações e para emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos avançados, indispensáveis para consolidação e concerto das nações como espaços democráticos e igualitários.(BRASIL 2004, p. 14)

Diante disso, entende-se que a escola deve educar para a perspectiva cidadã, com preceitos voltados para a valorização dos indivíduos dentro de suas escolhas,

cotidiana e possibilidades, sendo de suma importância que para viver em sociedade e de conhecer para posicionar-se, e com isso atentando para as possíveis discriminações.

A segunda pergunta do questionário tinha por interesse verificar o nível de conhecimento dos alunos para com o conceito de religião de matriz Africana. Perguntou-se: o que você entende por religião de matriz Africana? Todos os alunos, não souberam responder, mesmo incentivando-os por meio de conversa.

Na terceira, questão o foco de interesse estava na prática do professor de história/Português. Compreender sobre sua abordagem para as religiões de matriz africanas em sala de aula. Categoricamente, todos os alunos responderam que não, daí relevância de se constatar algo para as possíveis correções. Neste campo, a escola deve ensinar com a finalidade de ver a perspectiva plural de seus educandos, ressaltando que as diferenças étnicas é uma diretriz que possibilita a construção de uma identidade assentada no pluralismo cultural, e que essas diferenças não podem se constituir como elementos de discriminação.

O compreender sobre a diversidade ao nosso redor é a premissa para o desenvolvimento do conhecimento. Em função disso, questionamos aos alunos sobre a importância de o professor falar sobre as religiões afro-brasileiras, ou de matriz africanas, em sala de aula. Os alunos disseram que sim, com destaque para a afirmativa ser de suma importância, pois, é preciso conhecer e identificar as religiões para apenas assim respeitá-las. Percebe-se que é importante que os educadores tenham em claramente as disposições contidas na Lei nº. 10.639/2003 que busca focalizar e reagir a estruturas escolares que se enquadram em sua maioria em modelos por demais tradicionais, voltando a aquisição do conhecimento para interdisciplinaridade nesta metodologia dispõem educadores e educando em constante movimento de diálogo e troca de saberes, para apenas assim promover o conhecimento de seus educandos.

Abordar temas como as religiões afro-brasileiras em sala de aula pelo professor ajudará aluno a?Essa foi a última pergunta feita ao grupo de alunos, dentre os quais, 12 “afirmaram que não os ajudará em nada”. 08 responderam que auxiliaria na compreensão da história do negro africano no Brasil.

Detectamos que todo esse desconhecer por parte dos educandos é fruto de uma grande dificuldade quanto ao assunto ligado às etnias raciais. Neste campo, cabe ao professor explicar sobre a exploração e a valorização dessa contribuição da cultura africana para o patrimônio cultural brasileiro.

A pesquisa revelou, com base neste contexto, o quanto as representações das religiões de matriz africana são ausentes nos debates escolares por sua quase que demonização, não a partir da sua diversidade religiosa perante o cristianismo, mas pela aversão de parte da sociedade aos seus produtores culturais, no caso os negros.

O segundo momento foram ministradas 4 aulas sobre cultura e religiões de matrizes africanas no Brasil, incentivando a mudança de olhar, ressaltando que o meu objetivo como educadora é o de transmitir conhecimento e não de buscar adeptos para religiões de matrizes africanas, que todo o educador tem a obrigação de trabalhar esses conteúdos em sala de aula, e que nós devemos muito aos negros, pois foram fundamentais para a construção do nosso país, que o preconceito é fruto do desconhecimento e que eles precisam assim conhecer essas matrizes, essas diversidades, para então construir uma opinião sobre esta temática tão importante nos dias de hoje.

O maior foco da educação para as relações étnico-raciais é a formação de cidadãos que estejam permanentemente desempenhados a promover, no exercício de seus direitos políticos, sociais e econômicos, as condições de igualdade. Cabe a escola esse papel fundamental no combate ao preconceito e à discriminação sendo, assim, um espaço de valorização da diversidade.

O terceiro momento da pesquisa revelou que os resultados obtidos de início foram frutos do total desconhecimento dos alunos sobre esta temática, resultado da falta de preparo do sistema educacional que eles receberam até aqui, pois, aplicando no terceiro momento o mesmo questionário realizado anteriormente, percebi que os alunos agora, depois de receberem em sala de aula informações necessárias para tomar um conhecimento e posicionamento sobre a temática pesquisada, os alunos responderam com total clareza as perguntas, com mudanças positivas em todas as respostas, demonstrando interesse, vontade avançar nesta

temática, quando todos afirmaram que é muito importante que se trabalhe a valorização da cultura afrobrasileira em sala de aula.

Considerações finais

A construção desse trabalho surgiu como uma forma de contribuição para o repensar sobre a África e suas matrizes afrodescendentes, sendo assim a educação para as relações étnico-raciais é a formação de cidadãos que estejam permanentemente desempenhados a promover no exercício de seus direitos políticos, sociais e econômicos, condições de igualdade, e a escola possui esse papel fundamental no combate ao preconceito e à discriminação sendo assim um espaço de valorização da diversidade.

Contudo, ainda evidenciamos o quanto a comunidade escolar ainda não possui preparo suficiente para enfrentar o racismo, que muitas atitudes depreciativas são vistas como fenômenos naturais das relações sociais.

Acredita-se, então, que é preciso a construção de um espaço escolar que insira no contexto o aluno, a partir de uma questão relativa e que dê a valorização da diversidade étnico-cultural, o resultado desta pesquisa muito nos tem a mostrar e preocupar, uma vez que a maioria dos alunos que foram investigados muito não conhecia nem mostra muito interesse em desmistificar as ideias junto ao tema.

Conclui-se, portanto que o grupo de alunos investigado ainda não possui preparo suficiente para enfrentar o racismo, que muitas atitudes depreciativas são vistas como fenômenos naturais das relações sociais sendo estas por falta de conhecimento e desencadeando o preconceito.

Acredito por tanto que uma proposta pedagógica voltada aos alunos do Ensino Fundamental para que seja trabalhado com os mesmos a diversidade contida na matriz Africana, tendo em vista que precisamos da existência de uma ligação entre o

processo educativo e os demais processos essenciais à vida e a vivência em sociedade, em especial ao reconhecimento para a atividade política, econômica, cultural.

Acredita-se na força da educação como um processo pelo qual se forma e compreende o mundo que o cercam, podendo assim construir seu destino nas mais diferentes ambiências humanas: na família, no trabalho, na escola, nas organizações sociais e etc, pois em qualquer destes espaços, há um processo formativo, ou seja, um caminho de aprendizagem sobre o qual se forma a cidadania.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M; CASTRO, M.G. **Relações raciais na escola**: reprodução de desigualdades em nome da igualdade. Brasília: Editora Unesco,2006.

ANTUNES, Celso. **As inteligências múltiplas e seus estímulos**. Campinas: Papirus, 1998.

ALVES, Souza Renata. **Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula: saberes para professores fazeres para os alunos: identidade e arte visual**: Belo Horizonte: fino traço 2009.

BASTIDE, Roger. **Religiões africanas e estruturas de civilização**. Revista Afro-Ásia, n. 6- 7, p. 5-16, 1968.

BRASIL. **Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. D.O.U de 10/01/2003.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. N.º 9.394, de 1996. Disposições Constitucionais, Lei nº 9.424, de 24 de Dezembro de 1996. Brasília, DF, 1998.

CARMO, João Clodomiro do. **O que é Candomblé**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CAVALLEIRO, Elaine. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, Elaine. **Racismo e anti-racismo na educação**:repensando a nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2003.

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 11. ed. Campinas, SP: Papirus, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo:Paz e Terra S.A, 2002.

GOMES, Nilma Lino, **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade**. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

GRIGOLETTO, Sérgio. **O que é cultura** (2). Disponível em: <<http://www.clubeletras.net/blog/cultura/o-que-e-cultura-2/>> Acesso em 08 de abril de 2016

SILVA, Ana Rita Santiago da; SILVA, Rosângela Souza. **A história do negro na educação: entre fatos, ações e desafios**. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 14, n, 24, p. 193-204, jul/dez, 2005.

SOUZA, Manoel Alves de. **A História Local, o Ensino de História e o Livro Didático: Dimensão e limite**. In: SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene Rosa (Orgs): III Encontro Perspectivas do Ensino de História. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2009.

ANEXO

QUESTIONÁRIO

1- Quais as religiões de matrizes africanas você conhece?

2 – O que você entende por religião de matriz Africana?

3- O professor de história abordou a respeito das religiões afro brasileiras em sala de aula?

() Sim () Não () As vezes

4- É importante que o professor fale sobre as religiões afro-brasileiras em sala de aula?

() Sim () Não

5- Abordar temas como as religiões afro-brasileiras em sala de aula pelo professor o ajudará em que?

a) Compreender a história do negro africano no Brasil

b) Reconhecer a diversidade religiosa

c) Respeitar e tolerar o próximo com suas religiões e crenças

d) Em nada o ajudará